

Marxismo e psicologia

Anton Pannekoek

Link: <https://aaap.be/Pages/Radencommunisme-02-1940-03-01.html>

I.

A teoria de Marx ensina que o trabalho, necessário para o sustento da humanidade, é a base sobre a qual repousa todo o desenvolvimento da sociedade, ou seja, a história da humanidade. O contraste dessa nova visão com a que prevalecia na época, que via as causas dos eventos históricos em forças puramente espirituais, tornou-a conhecida como materialismo histórico. E esse nome, posteriormente, deu origem a muitas deturpações e mal-entendidos. O que esses nomes realmente significavam se torna aparente quando nos aprofundamos nas coisas em si.

Não é preciso dizer que o trabalho de subsistência é a base de tudo. O homem precisa, antes de tudo, viver ou, mais precisamente, o homem quer viver. Em todo ser vivo consciente, como um impulso irresistível dado naturalmente, está o esforço, o instinto, a vontade de viver e sustentar essa vida por meio do que a natureza oferece.

Para isso, ela procura, luta, vagueia, trabalha, assim como o homem. Ao fazer isso, o homem usa suas ferramentas, com a capacidade aprendida de usá-las. Ao fazer isso, ele geralmente é membro de uma comunidade, seu trabalho é trabalho social, trabalho comunitário; o tamanho dessa comunidade de trabalho depende da natureza das ferramentas e dos negócios. Ele nasce nessa comunidade, cresce como membro; as condições e as formas pelas quais ele trabalha para ganhar a vida lhe são dadas de fora. Não há arbitrariedade nisso - embora alguns possam sair do seu caminho ou ter uma escolha limitada - é preciso viver e trabalhar, e fazê-lo dessa maneira específica, determinada pelas condições naturais e pela tecnologia. Essa maneira e forma de trabalho social Marx chama de modo de produção.

Nas décadas de séculos, que chamamos de era civilizada, essa organização social já era muito complicada. Os avanços tecnológicos haviam criado a divisão do trabalho

entre artesanato e agricultura, entre trabalhadores, lutadores e comerciantes; os dois últimos viviam de uma parte do que os trabalhadores produziam. Como eram poderosos por meio das armas, da propriedade da terra e do dinheiro, eles ficavam com sua parte; eram classes dominantes e exploradoras. Essa sociedade, até o momento, está dividida em classes, cada uma desempenhando um determinado papel no todo; elas competem entre si pela distribuição do produto total. Cada classe considera bom e correto o que é necessário e útil para sua existência, pois quer permanecer viva; mas somente aquilo que a classe dominante considera necessário e bom é estabelecido como "o direito" nos livros de leis e implementado pelos juízes. As organizações de poder, especialmente o poder estatal, são construídas para manter o domínio da classe dominante e, nesse processo, todo o processo de produção ocorre sem perturbações.

O importante nessa sociedade é seu constante desenvolvimento e mudança, devido ao desenvolvimento da tecnologia e das formas de trabalho. Por exemplo, o desenvolvimento do artesanato e do comércio (uma consequência do aprimoramento das ferramentas e da navegação) tornou os comerciantes e cidadãos mais numerosos, mais ricos e mais poderosos em relação aos proprietários de terras, camponeses e, mais tarde, príncipes. Seu dinheiro e seus negócios proporcionaram a oportunidade para o crescimento de um modo de produção capitalista. Eles achavam que as antigas leis e instituições, que lhes davam um lugar e uma parcela de poder menores e impediam o desenvolvimento do capital, eram uma injustiça.

Assim que surgiu a oportunidade, esse descontentamento crescente se transformou em uma luta de classes mais acirrada, em guerra civil e em revolução. Nesse processo, a burguesia recém-surgida tornou-se a principal classe dominante. A lei e a organização política foram adaptadas às demandas do desenvolvimento capitalista.

Essa doutrina do desenvolvimento social agora permitia vislumbrar o futuro. O modo de produção capitalista também mostrou uma divisão em classes, uma feroz luta de classes e um forte desenvolvimento tanto técnico, por meio de máquinas enormes e tecnicamente cada vez melhores, quanto econômico, por meio do desaparecimento da pequena burguesia e da concentração da propriedade e do domínio nas mãos de grupos menores de grandes capitalistas. O proletariado se torna cada vez mais a classe mais numerosa, sua insegurança de vida aumenta e, com isso, seu descontentamento e a luta de classes devem se tornar mais ferozes, enquanto a possibilidade técnica de um modo

de produção coletivo socialmente regulado se torna cada vez mais óbvia. Isso deve finalmente levar à revolução proletária; o proletariado conquista o domínio e toma posse dos meios de produção.

Portanto, aqui o desenvolvimento da humanidade é explicado por efeitos e consequências perfeitamente compreensíveis e comuns; todas as causas e efeitos são realidades. Isso é o que Marx quis dizer com o que ele chamou de causas "materiais": coisas reais perceptíveis para nós, excluindo, portanto, poderes divinos sobrenaturais ou coincidências sem causa, como o livre-arbítrio. Essas realidades, é claro, incluem forças espirituais; a vontade de viver, a vontade de lutar, a insatisfação e a amargura resultantes da exploração, a percepção de que uma sociedade melhor é possível, tudo isso pertence ao que é comumente chamado de fenômenos espirituais. Agora, o homem tem seu cérebro e, embora compartilhe com os animais o sentido e o instinto imediatos, seu cérebro mais altamente desenvolvido é sua ferramenta mais poderosa na luta pela vida. Em quase tudo o que ele faz, seu cérebro desempenha o papel mais importante; até mesmo o trabalho manual mais simples sempre contém muita cooperação de sua mente. A separação entre mental e material é algo artificial, mas é necessária para refletir os diferentes graus de desenvolvimento. Um animal inferior imediatamente abocanha a presa que aparece à sua frente; um animal superior procura e persegue a presa e organiza suas ações de acordo com o momento apropriado. O homem primitivo que está morrendo de fome permanece em silêncio fabricando sua ferramenta ou arma enquanto pensa e imagina com antecedência e delibera como usará essa ferramenta posteriormente para extrair alimentos. Na sociedade moderna, o homem (o trabalhador, por exemplo), por meio do trabalho diário recorrente para satisfazer suas necessidades de vida sob as condições dadas, adquire um certo caráter de classe, uma certa maneira de sentir e pensar; a pressão da exploração desperta insatisfação, pensamento sobre melhorias, educação por meio da fala e da leitura, às vezes um impulso feroz de resistência; tudo isso é reforçado pelo desenvolvimento igualitário entre os camaradas, finalmente, às vezes, leva a atos de luta, greve ou qualquer outra coisa, e ao pensamento de lutar por mudanças sociais. Aqui está um longo meio-termo, construído a partir de todas as forças e habilidades humanas, entre a fome sentida imediatamente e, por fim, a satisfação plena de todas as necessidades em uma sociedade melhor.

Essa teoria de Marx baseia-se em uma grande quantidade de fatos e experiências, ou melhor, como qualquer teoria, é um breve resumo de todas essas experiências e fatos, em termos gerais. Esses são, em primeiro lugar, os fatos da história humana e, em segundo lugar, nossas próprias experiências de nosso próprio tempo. Mas há uma diferença entre os dois.

O que aconteceu na história não é nossa própria experiência; nós a recebemos por ouvir dizer, ela já está resumida e ordenada, e até mesmo já foi fornecida com alguma teoria e explicação, tudo registrado em livros. São principalmente os intelectuais que sabem e conhecem tudo isso. Para eles, a história é um enorme material factual e, se aprenderem a teoria de Marx, poderão ver como todos esses fatos frouxamente conectados se tornam coerentes, esclarecidos e compreendidos ao reduzi-los a causas simples, a estrutura econômica, o desenvolvimento do trabalho. Assim, para eles, o valor e a verdade do marxismo repousam no estúdio da história.

Para os trabalhadores, por outro lado, suas próprias experiências de vida são o material pelo qual eles julgam a teoria. Eles estão no meio da prática da vida, no meio do processo de trabalho e no meio da luta de classes que se desenvolve a partir dele. E como o ensinamento de Marx explica a eles essa experiência de vida e expressa em forma teórica o que eles mesmos vivenciam diariamente, eles entendem e aceitam esse ensinamento. O que eles vivenciam na fábrica e na oficina, em seu processo de trabalho, encontra sua explicação e explicação na economia de Marx, na doutrina do valor, da mais-valia e do capital. E o que eles vivenciam em suas lutas, na política, nas greves, em tudo o que a classe dominante lhes impõe, isso encontra sua explicação no materialismo histórico.

Há outra diferença entre essas duas áreas de aplicação. Na história, por exemplo, a de uma grande revolução, temos diante de nós uma série completa de causas e efeitos; as mudanças na tecnologia, nas formas de trabalho e negócios, as mudanças nas classes como causas e, em seguida, a ação revolucionária de uma classe, os atos vigorosos, as lutas, a nova ordem e os arranjos como resultados. Sabe-se que no meio disso está o impacto das mudanças econômicas sobre as pessoas, sobre seu pensamento, sentimento e vontade, como elas hesitaram, como às vezes agiram, mas cedo demais ou talvez tarde demais, como lutaram entre si pelo caminho certo e enfrentaram decisões difíceis todas as vezes. Mas tudo isso acabou, eles decidiram cada vez por suas ações, e a história só

acontece uma vez. E como agora, ao ouvirmos sobre isso ao mesmo tempo, já sabemos como terminou, não podemos mais sentir tanta empatia por suas incertezas.

Mas a história continua e nós estamos no meio dela com nossas próprias experiências. No meio de uma série de causas e efeitos que ainda não terminaram. Sempre as mudanças na tecnologia, no trabalho e nas classes estão agindo sobre as pessoas; mas o que mais resultará disso ainda está no futuro. Isso está atuando em seus sentimentos e pensamentos, mas também as tradições de estados anteriores ainda estão atuando depois, o pensamento ainda é incerto e dividido, desequilibrado e diferente. E a vontade está ainda mais dividida, ainda não é uma só, às vezes se junta fortemente em uma pequena ação e depois se desfaz novamente. Os trabalhadores sempre se deparam com decisões, por exemplo, entre aceitar situações insustentáveis ou lutas perigosas, sempre o sentimento oscila entre a preocupação com interesses pessoais garantidos e o entusiasmo pela causa comum. Aqui não é suficiente que a teoria diga que das mudanças econômicas do capitalismo finalmente virá o comunismo por meio da luta de classes. Agora, tudo se resume precisamente a todas essas etapas intermediárias. Como as condições sociais da vida, as chamadas condições materiais, afetam a mente das pessoas? Como a mente reage a elas, ou seja, como o pensamento e a vontade mudam sob essas condições? Que tipo de ações resultam disso, dos trabalhadores, mas também da burguesia, e como isso se volta contra os trabalhadores? Quando e por que surgem seus movimentos de massa? O que eles precisam fazer para manter a vantagem obtida? Como a burguesia se comporta nesse processo, e o que isso significa? Tudo isso não é tão fácil e óbvio que se possa encontrar a resposta certa com algumas fórmulas gerais do materialismo histórico. Tomemos como exemplo o início da Guerra Mundial, quando uma onda de nacionalismo varreu os trabalhadores de todos os países; ou o fim dessa guerra, quando a burguesia começou a usar gravatas-borboleta vermelhas na Alemanha e as massas trabalhadoras continuaram desempregadas; ou os anos seguintes, quando elas se depararam com todos os novos golpes do PCC, ou os anos da grande crise mundial, quando, em vez de uma revolução proletária, eclodiu uma revolução pequeno-burguesa, alimentada pelo grande capital, que, depois de alguns anos, destruiu todo o movimento dos trabalhadores - tudo contra as expectativas das fórmulas simples com as quais o movimento dos trabalhadores havia sido educado, mas totalmente explicável para aqueles que, usando o método do pensamento materialista histórico, rastreiam os efeitos particulares dos eventos sobre as pessoas nos mínimos detalhes.

¹Na antiga social-democracia alemã já havia ocorrido uma luta sobre isso antes da guerra mundial, especialmente em relação ao significado dos escritos do filósofo Dietzgen. ²Contra a opinião da direção majoritária (Kautsky), de que Marx e Engels já haviam dito tudo o que era necessário e que não era preciso acrescentar nada, argumentou-se que isso poderia ser aplicado enquanto os trabalhadores, seguindo seus líderes da maneira antiga, tivessem apenas que votar; enquanto a doutrina de que do capitalismo viria o socialismo fosse suficiente. ³Mas quando os próprios trabalhadores entrassem em ação, em ação de massa, deixando assim de ser meramente passivos para se tornarem ativos, seria necessário examinar mais de perto a questão de como a mente humana reagia a influências externas. É bem sabido como a visão antiga venceu naquela época. As ações em massa foram evitadas tanto quanto possível, e a guerra mundial levou à falência o antigo movimento trabalhista.

As mesmas questões são novamente, ou melhor, sempre, importantes. Especialmente também para os grupos de trabalhadores que estão na vanguarda da luta e para os quais a propaganda se resume aos insights que logo serão necessários na luta mais ampla. Eles terão de saber, compreender e perceber mais do que apenas que os movimentos de classe dos trabalhadores emergirão da miséria do capitalismo. Terão de entender como esses movimentos de classe surgem das forças sociais, o que os afeta, como crescem e declinam, como funcionam. Inúmeros são os casos em que essas ações com belos slogans não levaram a nada. E ainda mais numerosos são os casos em que os movimentos de classe vitoriosos, embora aparentemente continuassem no caminho certo, acabaram no atoleiro por causa de sua própria inadequação interna. Se quisermos combater isso, precisamos entender como e por que isso acontece; e para isso precisamos considerar como, em particular, o mundo social influencia e determina os pensamentos e sentimentos das pessoas.

II.

Há muito tempo, essas correlações têm sido objeto de campos separados da ciência com nomes distintos. O pensamento consciente dos seres humanos em sua conexão com o mundo é o tema da filosofia, a teoria do conhecimento, o sentimento

¹ Veja: [Joseph Dietzgen](#) (1828-1888), curtidor alemão e filósofo socialista autodidata.

² [Karl Kautsky](#) (1854-1938), político social-democrata alemão.

³ Ele dizia: *fique*.

imediatos e o pensamento em geral, e o comportamento dos seres humanos são o tema da psicologia. Ambos estavam originalmente ligados à teologia, mas depois se tornaram doutrinas civis profanas.

Isso significa que, para entender mais profundamente a conexão do sentimento e do pensamento humano com a sociedade, devemos nos voltar para os escritores burgueses sobre esses assuntos? Por si só, não há nada contra aprender com seus oponentes também; e na medida em que os psicólogos modernos praticam seu assunto como uma ciência natural, realizando experimentos e tirando conclusões deles, uma visão útil pode vir disso para nós também. Mas certamente o que precisamos é de algo totalmente diferente. Precisamente nessas áreas há um forte contraste de pontos de vista, que podemos chamar de conflito de classe, uma vez que os pontos de vista básicos do mundo burguês e da classe trabalhadora são completamente diferentes.

É algo parecido com a economia. A ciência da economia desenvolvida por Marx, com base na economia burguesa clássica, é uma ciência de classe, rejeitada por todo o mundo burguês, mas vista e reconhecida pelos trabalhadores como a verdade científica mais importante; o mundo burguês se opõe a ela com uma doutrina completamente diferente, que considera a verdadeira ciência da economia. Quando falamos de economia, sempre nos referimos a ela como marxista. Mas o campo da psicologia e da teoria do conhecimento é diferente, pois Marx não escreveu obras separadas sobre eles. Mas em seu materialismo histórico está o germe, o fundamento de uma concepção desses campos, que é totalmente contrária à do mundo burguês.

Para a filosofia, isso é conhecido há muito tempo. Entretanto, o fato de que no marxismo também se encontra a base para uma nova psicologia, em oposição à limitada e imperfeita psicologia burguesa, a verdadeira e real psicologia, raramente tem sido o foco de atenção. E, no entanto, é imediatamente óbvio. O materialismo histórico revelou, pela primeira vez, que é a organização social, o modo de produção, que controla o pensamento e os sentimentos das pessoas. Portanto, a base da psicologia também deve ser buscada na sociedade, no processo de trabalho.

Pode-se objetar que, para a natureza da mente humana, para as qualidades espirituais do homem, pouco importa se uma sociedade, uma parte da natureza ou um ser humano semelhante age sobre ele; é claro que algo diferente resulta disso todas as

vezes, mas a maneira pela qual ele processa essa ação é sempre a mesma, determinada por sua própria natureza. Assim como o moinho e seu funcionamento permanecem os mesmos, quer se jogue um grão ou outro para ser moído em farinha. E então a natureza do homem pode ser estudada tanto observando o que acontece com uma única pessoa em experimentos, como fazem os psicólogos burgueses, quanto por meio de investigações sobre o funcionamento de toda a sociedade. É claro que há algo de verdadeiro nisso; nas reflexões sobre economia, também usamos o caso de John comprando algo de Pete. Mas dizemos que o importante permanece fora de vista. O importante e essencial é que o homem, com tudo o que pertence à sua natureza, é um ser inteiramente social. Ou expresso no exemplo do moinho: o moinho, em toda a sua construção, surgiu e cresceu na prática de moer esse grão específico e, portanto, está adaptado a esse propósito. O homem, com todo o seu pensamento e sentimento, não poderia ter surgido de outra forma senão como um ser social; tudo nele, sua mente, sua linguagem, seus sentimentos são coletivos, surgiram, cresceram, como órgãos necessários no processo de trabalho coletivo.

Portanto, aqui está a primeira diferença entre a psicologia burguesa e a marxista: a primeira pressupõe o indivíduo, a personalidade com seus traços, e então a sociedade é a totalidade organizada de personalidades; a outra pressupõe a sociedade, porque tudo sobre a personalidade é de origem social. Mas até mesmo a psicologia burguesa, especialmente no último meio século, enfatiza cada vez mais o social. ⁴"De longe, a maior parte de sua propriedade mental que determina suas ações", diz McDougall, um dos grandes homens da psicologia moderna, "o homem obtém de seus semelhantes; é a experiência acumulada de todas as gerações passadas de sua raça e povo. Sua vida social, juntamente com sua mente maleável, proporciona-lhe essa enorme vantagem". "A civilização de um povo é essencialmente a soma total das tradições morais e intelectuais disponíveis e operantes nele." Para ele, a sociedade é uma vida comunitária em uma determinada civilização, nas artes e nas ciências, com uma organização que garanta isso. Mas em nenhum lugar aparece qualquer entendimento de que o processo de trabalho é a base fixa da sociedade. Esses psicólogos enxergam muito bem a interação mutuamente forte e a total dependência das pessoas em relação à sociedade, mas todas elas são dependências de coisas espirituais, pairando, por assim dizer, acima

⁴ [William McDougall](#) (1871-1938), psicólogo e racista anglo-americano. Aqui Pannekoek deixa de lado os "psicanalistas" Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Friedrich Adler.

da terra. A base material de tudo isso, o processo de produção para a vida material dessa sociedade, que une as pessoas com tiras de aço da necessidade, está completamente fora de sua visão. Como os sentimentos e o comportamento das pessoas podem ser examinados quando a grande força primordial, a preocupação em manter o mundo vivo por meio do processo de trabalho social, que controla a vida das pessoas com poder de ferro, está completamente fora de vista?

Para chegar a um tratamento adequado da psicologia, parte-se das pessoas em seu trabalho social, o conteúdo essencial de suas vidas. Mas então é preciso distinguir de acordo com o lugar que elas ocupam no processo de trabalho, ou seja, de acordo com a classe a que pertencem. E aqui temos a terceira e mais importante contradição entre a psicologia burguesa e a marxista. As classes são os grupos de pessoas com papéis iguais no processo de produção e, portanto, com pensamentos, sentimentos e comportamentos semelhantes; devido ao impacto semelhante do mundo material, sua maneira de reagir, seu caráter também se torna semelhante - no qual, em comparação, as diferenças inatas de caráter, por exemplo, temperamento ou serenidade, tornam-se tão insignificantes quanto a cor diferente de seus olhos. Mais ainda: essas classes são os grupos com interesses semelhantes, que assim se fundem na luta de classes e se tornam ligados por fortes laços de solidariedade. Assim, a classe se torna a verdadeira comunidade humana, definindo personalidades. Mas a maneira burguesa de pensar não reconhece as classes; se quiser ir além da pessoa, ela chega à totalidade de todas as pessoas e classes, nas quais nenhum caráter nitidamente definido pode mais ser reconhecido. Ou melhor: geralmente ele desenha o homem burguês, o membro da classe da burguesia, como o homem natural normal. Isso era muito fácil de fazer no século XIX, porque naquela época a nobreza na Europa Ocidental era completamente civilizada e os trabalhadores também ainda eram completamente burgueses; por isso era tão fácil não conseguir enxergar as classes. Foi necessário o gênio de Marx para reconhecer as classes como os grupos naturais que compõem a sociedade.

Assim, se quisermos entender e antecipar o pensamento, os sentimentos e as ações das pessoas no desenvolvimento social, temos - como agora é evidente - pouco ou nada a ganhar com a ciência burguesa da psicologia. Devemos então começar com Marx a partir da classe, de seu lugar, de suas condições de vida, de suas necessidades e exigências. Deduzimos daí os traços de caráter, que surgem nela por meio do trabalho e

da exploração, os novos traços de caráter, que surgem por meio da crescente luta de classes, especialmente o crescimento da interconectividade. Para as outras classes, também é preciso derivar sua ação social de sua posição especial de classe. Isso é necessário para lidar com movimentos como as revoluções fascistas; mas também, em um sentido mais geral, será preciso lidar com a questão de como as outras classes, que desempenham um papel importante na sociedade (os camponeses, os intelectuais), agirão nos movimentos proletários.

De particular interesse, é claro, é a consideração das ações de massa da classe trabalhadora, a questão das condições para seu surgimento e seus efeitos na sociedade e nos próprios trabalhadores. Alguns anos antes da Guerra Mundial, Kautsky escreveu sobre ações de massa; mas como ele só falou sobre massas e deixou a *classe* completamente de fora, o resultado foi inútil e, na verdade, só serviu ao propósito reacionário de alertar a social-democracia alemã e dissuadi-la de qualquer movimento de massa. ⁵Nos últimos anos de guerra, quando se pensava que a revolução estava próxima, Henriette Roland Holst escreveu um livro sobre ações de massa na história, com vários fatos e dados importantes. Agora, as circunstâncias já mudaram. Portanto, um tratamento completo dessas questões será muito importante para o esclarecimento de nosso entendimento.

⁵ [Henriette Roland Holst-van der Schalk](#) (1869-1952), política e poeta holandesa. *The revolutionary mass action. Um estudo*, Roterdã, 1918.